

ENTREVISTA

Trajetórias de vida na Ilha: fragmentos de uma conversa com Sílvio Coelho dos Santos

Diana Brown

Bard College Nova York Estados Unidos
dbrown@bard.edu

Introdução

Apresento aqui partes de uma longa conversa que tive com Sílvio Coelho, no Núcleo de Povos Indígenas – NEPI, situado no Centro de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, no dia 14 agosto de 2007. Embora o principal assunto de nosso encontro tenha sido a Ilha de Santa Catarina e suas transformações, selecionei as narrativas sobre sua vida, a formação de professor e sua família, relatos que tanto ilustram sua trajetória, servindo como metáforas no cenário da sua própria história e a história da cidade.

Quando decidi iniciar uma nova pesquisa de campo sobre envelhecimento e beleza em Florianópolis, Sílvio foi um dos muitos colegas que me recebeu no Departamento de Antropologia da UFSC. Ele demonstrou sua gentileza e interesse pelo meu trabalho, como fica evidente aqui na maneira como compartilhou comigo esses fragmentos de sua vida, entrelaçando os relatos da história da Ilha com a sua própria história, e me permitindo mergulhar em muitos aspectos interessantes da formação da cidade, tais como a perda das terras comuns, processos políticos locais e a mobilidade social entre as gerações da população nativa. O caráter testemunhal de seu depoimento ganha importância no momento desta homenagem. Procurei destacar as partes que realçam a sua trajetória como pessoa, como profissional e sua visão de mundo mais ampla.

O tema do envelhecimento não está diretamente relacionado aos temas de pesquisa de Sílvio, mas como minha pesquisa com um grupo de terceira idade revelou uma participação majoritariamente de

autodeclarantes “nativos” (descendentes dos que imigraram das Ilhas Açorianas para a costa de Santa Catarina nos meados do século XVIII e se tornaram agricultores de pequena escala) frequentemente minhas perguntas emolduraram suas respostas realçando aspectos de sua vida como Ilhéu. Eu revelei a ele meu interesse pelos processos entrelaçados de crescimento da cidade e das dinâmicas disso na população nativa. Sílvio não somente conviveu com estes processos como também se identifica com as origens açorianas e, portanto, com tudo o que quer dizer ser um “nativo” da Ilha de Santa Catarina.

E relevante lembrar que, durante a vida de Sílvio, Florianópolis transformou, após a década de 1970, de uma cidade pequena, isolada provinciana, rica em belezas naturais mas economicamente e politicamente marginal, para uma prospera capital internacional de turismo, de uma cidade íntima dominada por um elite nativa onde todo o mundo se conhecia e se cumprimentava na rua, a uma cidade maior e mais anônima, povoada por novos grupos de migrantes. Entre estes, figuravam os da classe média, procedendo de estados mais desenvolvidos, e inicialmente atraídos pelos empregos da Universidade Federal de Santa Catarina e da Eletrosul, duas instituições que se tornaram, na década de 1980, empregadores importantes. A relação entre os novos e os nativos nem sempre foi tranquila. As elites novas tenderam a achar os nativos provincianos demais, enquanto os nativos sentiram invadidos pelos “gringos”, nome que utilizaram para os que não eram da região. Sílvio, como membro da elite intelectual, e pró reitor da UFSC, foi importante em abrir a Universidade para professores nacionais e internacionais.

Assim, cheguei ao escritório do Sílvio, naquele dia, armada com várias perguntas que a bibliografia sobre os nativos da Ilha não havia me respondido satisfatoriamente, e com uma agenda que tocava nas experiências pessoais tanto quanto nos processos mais gerais. Sílvio atuou como importante mediador nos conflitos decorrentes do crescimento e em uma conjuntura de intensas transformações nas últimas quatro décadas. Ele correlaciona sua intensa participação recorrendo a momentos de sua própria biografia, propiciando-me o acesso a aspectos peculiares sobre a mobilidade social, a migração urbana, a reação dos nativos no período que antecede o crescimento do turismo nos anos 1970 e depois.

Exceto pelos breves comentários sobre o processo pelo qual ele se tornou professor, seus relatos assumem a forma de histórias de família a migração de seus avós para Florianópolis, a trajetória de seu pai na carreira profissional, as atividades caritativas e até uma viagem com a família. Em muitas destas narrativas, Sílvio aparece só de forma breve, como um estudante de férias na loja/fábrica de sapatos do seu pai, aprendendo o ofício e absorvendo o igualitarismo da política comunista e socialista deste, ajudando-o a praticar a caridade maçônica a algum desafortunado, testemunhando a rejeição de sua mãe a monetização de seu mundo de plantio de flores. No entanto, estes momentos me pareceram valiosos porque oferecem *insights* sobre o desenvolvimento pessoal e social deste que é um dos mais destacados antropólogos do Brasil. Sua trajetória aponta para os valores e as atividades do mundo cotidiano no qual foi criado e que certamente contribuíram para o tipo muito particular de compromissos sociais e políticos que assumiu, para sua identidade pessoal e profissional e para suas generosidades pessoais.

Deixando para outros a tarefa de destacar suas realizações e desenvolvimento intelectuais, ofereço estas pequenas pedras preciosas retiradas de nossa conversa como uma contribuição para a compreensão humanista deste homem formidável que é Sílvio Coelho dos Santos.

Fragmentos de dias e jeitos de estudante

Nós estávamos discutindo mudanças de infraestrutura na Ilha, e foi assim que o Sílvio começou a discutir a carreira dele como professor.

Sílvio Quando eu fui votar pela primeira vez, eu tinha 18 anos. Tive o título de eleitor, então fui escolhido. Eu era estudante e tal, era para ser membro da mesa da coleta de votos na Barra da Lagoa. Para chegar à Barra da Lagoa o serviço eleitoral dava transporte, então, a gente tinha que pegar um transporte e ir até o centrinho da Lagoa, e do centrinho da Lagoa, pegávamos uma baleeira que nos levava até onde hoje tem uma ponte que vai para a Barra da Lagoa. Ali tinha uma escola, era a Escola da Fortaleza e a gente passou todo o dia lá () Quando eu comecei como estudante, quando tinha 20 anos, eu fui a prefeitura para saber se tinha alguma atividade que eu podia exercer. Eu precisava ter um ganho como estudante.

Diana E você não tinha sido formado para ser professor?

Sílvio Não, naquele momento eu era aluno do curso clássico. Tinha classe científica e normal. Então normal era que formava professores. Mas eu estava fazendo curso clássico. E eu tinha já uma experiência sendo professor, que eu me ofereci como estudante para alfabetizar soldados, ao me ingressar no serviço militar, pois muitos eram analfabetos. Era uma escola criada pelos próprios estudantes, mas que foi regularizada como uma escola experimental e os estudantes levavam aquilo, mas quando se tornou uma escola experimental do governo do Estado, os estudantes passaram a ganhar uma espécie de bolsa, ou seria menos de um salário mínimo hoje. E eu já peguei isso aí, eu peguei um período de transição entre a escola gratuita e a escola paga. Eu trabalhei lá um ano por aí, e depois ganhei essa bolsa para ser alfabetizador de soldados. Eu tinha essa experiência. E no ano seguinte eu me candidatei a um colégio religioso aqui, que tinha um preparatório para o ginásio, o Colégio Catarinense. Me ofereci e fiquei como professor de história e geografia durante dois anos nesse colégio. Essa experiência eu tinha já quando eu fui a prefeitura, e então, na prefeitura, falei com o encarregado, fui procura-lo na educação. Aí ele disse: “Nos temos a necessidade de um diretor de escola para atuar na estrada que vai para o aeroporto, na Costeira”. Eu não tinha experiência nenhuma de ser diretor de escola, e também como professor era muito, assim, iniciante. Mas eu acabei indo em função do salário, saí do Colégio Catarinense, saí da outra escola do batalhão, e fiquei nessa escola da prefeitura. Bem, nesse momento, o grupo escolar, com oito professores, tinha apenas uma professora normalista. Os demais eram apenas ginasianos. Naquele tempo tinha um curso chamado ‘normal regional’. Então nesse período, entre os anos de 58, 59 e 60, eu fiquei lá dois anos como diretor dessa escola. Depois a prefeitura abriu um cargo de supervisão escolar, a pessoa saiu, e a prefeitura abriu um concurso. Nessa altura já estava com curso de bacharelado completo, e eu me candidatei e ganhei o concurso. Eu era a única pessoa de nível superior no sistema, exceto o diretor do departamento de educação. Então, isso nos anos 60, por aí, você imagina que de lá para cá houve uma mudança muito forte.